

“Admirável mundo novo”: Concepções e expectativas dos alunos em relação ao ensino da música

Comunicação

Leandro Fernandes de Oliveira
Programa de Pós Graduação em Música – UFRN
oliveiramus@hotmail.com

Resumo: Este trabalho visa compreender as relações que envolvem as expectativas e concepções dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental II a respeito da inserção do ensino da música na escola. O contexto em questão trata do Colégio Padre Osvaldo no município de Luís Gomes / RN. Nossos objetivos buscam apresentar as concepções dos alunos e os significados que estes atribuem à aula de música, buscamos também, apresentar as relações da escola com a música discorrendo sobre os desafios que esta enfrentará na implementação do ensino de música como conteúdo. Nossa proposta metodológica apresenta uma abordagem qualitativa e utiliza de instrumentos de coleta como o grupo de discussão, observação participante e entrevistas semiestruturadas. A análise busca compreender como os alunos estabelecem relações de aprendizagem através da música e o que eles buscam aprender com essa prática dentro da escola. Este processo nos permitiu perceber como a música tem seus espaços nas relações estabelecidas pelos alunos e como ela cria situações para o surgimento de relações de ensino-aprendizagem que buscam desenvolver o sujeito por meio das potencialidades educativas apresentadas pelo ensino da música.

Palavras chave: expectativas e concepções, ensino da música, educação musical.

Introdução

Este texto trata da concepção e das expectativas dos alunos em relação ao ensino de música recentemente implantado no Colégio Municipal Padre Osvaldo da cidade de Luís Gomes/RN. A presente pesquisa foi desenvolvida com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental II (6º e 7º anos), cuja faixa etária varia entre 11 e 13 anos. Nossos esforços partiram do desejo em responder a duas questões: como o ensino de música se dá no Colégio Padre Osvaldo e o quê os alunos deste colégio esperam aprender com essa nova prática na escola.

Essas questões têm sentido por espelharem uma curiosidade comum a todo professor de música que leciona na educação básica que é viabilizar um ensino contextualizado diante da recente legislação que conduz a Educação brasileira. A partir de 2008, a Lei 11.769/08 trouxe os conteúdos de Música de volta à grade curricular das escolas de educação básica, como conteúdo obrigatório dentro da escola. De certo, a educação musical logrou grande êxito, a partir de suas iniciativas de movimentar-se para organizar os saberes musicais nos espaços escolares, na expectativa de fazer a música ganhar abrigo nas grades curriculares das escolas de todo o Brasil.

Este acontecimento gerou, à época, uma série de discussões tanto pessimistas quanto otimistas, em muitos discursos previa-se que a nova Lei encontraria grande resistência nos sistemas de ensino devido às condições de adaptação necessárias, tanto físicas quanto humanas, muitas delas em longo prazo. Entre as dificuldades citavam-se a falta de condições físicas das escolas, a escassez de recursos e materiais didático-pedagógicos e, principalmente, a falta de mão de obra qualificada. Esta última dificuldade tem sido uma grande preocupação de diversos pensadores da educação musical, pois as licenciaturas de todo o país não formam professores em número suficiente para atender à demanda. Tendo em vista essas e outras dificuldades, não aqui nomeadas, era de se esperar que muitos espaços escolares não fossem contemplados com o ensino da música.

Considerando o nosso contexto de trabalho, alguns gestores escolares ainda olham para a Música como conteúdo com certa indiferença, o que mostra o quanto a implantação e desenvolvimento dessa linguagem têm de ser trabalhados pelos próprios educadores musicais para que a área conquiste credibilidade. Pensar na presença da música em contextos em que a educação tradicional continua a dominar é oferecer uma mudança radical na postura educativa, pois implica em considerá-la em novo contexto, atribuindo-lhe outros valores além de agente de entretenimento ou passatempo, usualmente preponderante, quando se trata de sua presença na escola.

A música oferece inúmeras possibilidades como ferramenta educativa, quando aplicada em determinados contextos escolares pode transformar a postura dos alunos considerando-se que a música desenvolve e facilita a sua capacidade expressiva, além de, por sua própria natureza, levá-los a focalizar sua atenção no outro, o que favorece o trabalho

coletivo. Além disso, contribui para aperfeiçoar a qualidade da escuta de quem a pratica - percepção musical- e oferece a oportunidade de desenvolver sua experiência de vida graças ao caráter enriquecedor da experiência artística em geral e da música, especificamente.

A voz dos alunos do Colégio Municipal Padre Osvaldo

A chegada da música na escola como determina hoje a legislação causou, no nosso contexto de pesquisa, um alvoroço de curiosidades. Essa perplexidade se dá mais pela novidade do que pela clareza acerca dos motivos de sua presença, ou pela orientação pedagógica que deva a ela ser aplicada caso se queira ultrapassar a condição da música como simples entretenimento e se permita que abrace sua função de agente do desenvolvimento humano e condutora da expressividade do aluno. Essa não é uma meta distante, pois a música está bem presente no cotidiano dos alunos e a atração que exerce sobre eles é evidenciada em seus comportamentos. Foi refletindo acerca de tudo isso, que se resolveu realizar a presente pesquisa, para dialogar com a realidade dos alunos tal como se apresenta dentro e fora da escola.

O objetivo do trabalho foi de conhecer as expectativas dos alunos a respeito dessa “nova forma de conhecimento” – a Música. Também, se quis saber quais eram os seus anseios e o que esperavam aprender *de* e *com* a música. Além dessas, outras questões se apresentaram: Para um conhecimento musical completo, o instrumento musical é determinante? Como se aprende música? Tais perguntas dominaram o contexto do estudo, mostrando que a curiosidade dos alunos estava em evidência.

Com o intuito de responder a tais questões, buscou-se encontrar um percurso metodológico adequado a elas, aos alunos e à realidade da escola. Para conhecer a opinião dos alunos em relação à música, utilizamos três procedimentos de coleta: Observação Participante, Grupos de Discussão e Entrevista Semiestruturada.

Observação Participante

A observação é uma das formas mais objetivas para atingir os objetivos de uma pesquisa de caráter qualitativos ou quantitativos. Para o desenvolvimento desta pesquisa, o pesquisador observou de forma criteriosa as atividades desenvolvidas pelos estudantes.

O ponto de partida do estudo etnográfico de observação participante deve ser a escolha do local, e deve ficar bem claro o grau de interação com o objeto a ser estudado, além de precisar de bastante tempo no local, para obter uma grande quantidade de informação de dados. Como analisa Marli (1995), “O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade”.

Grupo de Discussão.

Outro procedimento metodológico escolhido foi o método “Grupos de Discussão”. Para Weller *apud* Santos (2009, p.41) , “os grupos de discussão passaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre juventude”.

A abordagem dos grupos de discussão é considerada por muitos como um método de reunião de ideias dos participantes que congregam formas de pensamento em um objetivo comum, pois como coloca Gallego (2002):

De fato, apesar de sua denominação oficial, a explicação do funcionamento se deve mais ao caráter situacional de reunião, que de grupo. É uma prática de investigação na qual se toma o caminho de volta em direção à união, do que aparece separado, à integração ao grupo após a individualização. (GALLEGO, 2002, p.418).

Ainda para Gallego, estando frente a frente, em grupos que podem variar em tamanho ou quantidade de um grupo em reunião, os indivíduos reconstróem de forma discursiva, o grupo ao qual pertencem. Tal processo de reconstrução, a partir de um determinado fenômeno de investigação, se constitui no principal material para análise. Para Flick (2004, p. 126) “as discussões em grupo correspondem à maneira pela qual as opiniões são geradas, expressadas e cambiadas na vida cotidiana”.

Entrevista Semiestruturada

A Entrevista semiestruturada é aquela que tem um roteiro, mas permite mudanças nesse plano, de acordo com o que foi sendo coletado a partir desse instrumento. Segundo Minayo (1993, p. 108) a entrevista semiestruturada trata de uma “conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de

pesquisa, e entrada (pelo entrevistado) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”.

Pretendeu-se com esse tipo de entrevista descobrir aspectos não pensados inicialmente e mostrar os resultados dessa investigação. Algumas perguntas foram aplicadas na condição de se averiguar como os alunos veem a música em seu aspecto de disciplina portadora de conhecimentos necessários para o desenvolvimento artístico e a formação pessoal.

Aplicação dos procedimentos metodológicos nas classes escolhidas

Através do método de observação participante foi possível notar que muitos consideram a música como meio de diversão ou entretenimento e, até mesmo, fator de distração. Já para outros, a música apresenta sentido mais amplo, representa a sua forma de pensar e de se comportar quando são tocados por específicas melodias. A característica mais presente, no entanto, foi o interesse direto na aprendizagem da música por meio de um instrumento. Muitos dos alunos entendem que a única forma de se aprender música é se apropriando da técnica necessária para o domínio de um instrumento musical.

Quando são apresentadas, durante as atividades, propostas e questões teóricas e técnicas a respeito de música (ritmo, pulsação, por exemplo), eles mostram certa resistência, talvez por se sentirem intimidados. Esse comportamento evidencia as características de uma escola que ainda vive realidades decorrentes de um processo tradicionalista do ensino, neste caso os alunos têm pouco espaço e oportunidade para se expressar. Tais limitações comportamentais dificultam os processos de criação e expressão propostos nas atividades musicais desenvolvidas nas classes objetos desta pesquisa. Essa situação abre espaços para discussões acerca da importância da música e o seu sentido na aprendizagem, uma vez que é um valioso meio de expressão humana, e que suas propriedades têm grande presença e importância nos processos criativos.

Grupos de Discussão

Foram formados dois grupos de discussão, um em cada sala de aula (6º e 7º anos), tomamos cuidado para envolver todos os alunos de cada sala considerando a baixa quantidade

numérica de cada turma (6º A – 21 alunos e 7º A - 17 alunos). As discussões desenvolvidas eram norteadas pelas seguintes questões: Qual é o sentido (significado) da música para vocês? Onde podemos escutar música? O que vocês esperam aprender com a disciplina Música? Para aprender música, é necessário tocar algum instrumento musical?

Todos os dados das conversas dos grupos de discussão foram transcritos para um caderno de campo, neste foram anotadas as linhas de ideias que nortearam os debates. Ao todo foram feitos três encontros com a presença dos alunos de cada grupo e do proponente deste trabalho que atuou como orientador das conversas.

Qual é o sentido (significado) da música para vocês? Grupo I:

“A música é muita coisa na vida da gente; sem música as coisas não teriam graça”, disse o aluno II tomando a frente do debate. Em seguida o aluno VI concordou: *“é verdade, se a gente não escutar música todo dia, fica meio sem graça”*. Um pequeno silêncio toma conta do ambiente quando o aluno III fez uso da palavra e disse: *“A música é vida porque é uma coisa que nos alegra e deixa a gente mais livre e mais alegre”*. Depois destas indagações o silêncio imperou e ninguém disse mais nada; o orientador aproveitou e lançou o segundo questionamento. (caderno de campo, 2015, p.13)

O que vocês esperam aprender com a disciplina Música? (Grupo I):

“eu quero aprender a cantar direito” disse o aluno II com entusiasmo. *“eu quero entender como funcionam aquelas bolinhas pretas do papel”*, colocou o Aluno V. *“aprender música na escola seria fantástico porque ia ser uma coisa que a gente ia ver toda as semanas até o fim do ano”*, disse o aluno IX. *“eu quero aprender a tocar violão e bateria; o senhor sabe tocar violão e bateria?”*, perguntou o aluno I com muita curiosidade. *“a música como matéria seria muito interessante, a gente ia poder aprender sobre os sons e como eles podem nos dizer alguma coisa”*, disse o aluno I, conseguindo a aprovação de todos os demais colegas. (caderno de campo, 2015, p.16).

Para aprender música, é necessário tocar algum instrumento musical?

“Sim”, disse o aluno V com muita firmeza. *“Com certeza”*, completou o aluno III. *“Aprender música só tem graça se for pra tocar um instrumento”*, falou o aluno VII com muita convicção. Já o aluno II colocou de forma diferente e pegou de surpresa os demais: *“acho que*

para aprender música é preciso, também, aprender a escutar pra saber o que os sons dizem pra nós". (caderno de campo, 2015, p.16).

Acreditamos que considerar as diferentes formas de pensar a música, por parte dos alunos, cria pontes para o desenvolvimento de metodologias contextualizadas, construindo saberes e conhecimentos válidos para a vida escolar, social e cultural, como podemos observar em Loureiro:

Sendo assim, da mesma forma que não podemos mais ignorar o gosto musical dos alunos, não podemos negar-lhes a possibilidade de ampliar o seu campo de conhecimento musical. Professor e aluno devem buscar um consenso ao selecionar um repertório, ou mesmo um tema, a ser abordado em sala de aula. A questão é estar instrumentalizado para gerar, com base no material selecionado, a aquisição do conhecimento musical. Esse tipo de ensino-aprendizagem envolve conscientização e disposição para esclarecer a real proposta da educação musical e, sempre que necessário, uma revisão de seus pressupostos que devem, antes de tudo, estar em sintonia com as necessidades, as expectativas e a formação integral do aluno. (LOUREIRO, 2003, p. 170).

Entrevistas semiestruturadas

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas para os alunos na intenção de obter as suas impressões a respeito da aprendizagem da música dentro da escola e o que esperam aprender com essa prática. Procurou-se, também, saber quais são seus gostos musicais, conhecer algumas de suas experiências externas, além de suas próprias concepções a respeito do que é música.

Baseando-se na coleta de dados por entrevistas foi possível apurar a opinião dos atores desse processo, saber como eles pensam a música dentro da escola e quais conhecimentos esperam absorver a partir das nossas metodologias e atividades propostas no intuito de introduzir conteúdos musicais. Identificaremos os indivíduos que participaram das entrevistas por nome fantasia (Arthur, Manacés etc.). As perguntas nas entrevistas buscam averiguar a importância da música na vida dos alunos além de descobrir o que os mesmos acham da música a ser ensinada na escola.

Para Mary *"a música alegre a vida da gente, ela é boa porque faz a gente feliz. Eu fico muito feliz que as aulas de música comecem por que eu vou aprender mais dessa arte que eu*

amo". (caderno de campo, 2015, p. 3). Este comentário está carregado de otimismo quanto à inserção da música no contexto escolar. A música já é praticada ou absorvida fora da escola, prende o interesse das pessoas por ser uma arte presente no dia-a-dia e por isso justifica a expectativa positiva acerca de sua inserção na escola.

No entanto, para Andreoli, a música como conteúdo causa estranheza por conta da configuração da grade curricular, tendo em vista a questão da frequência escolar e o desempenho traduzido em médias escolares, ele também mostra preocupação pela ausência do livro didático e também o que poderá ser cobrado quanto aos conteúdos para exames semestrais: *"Vai ter nota? Porque a professora de artes dá nota por uns desenhos que a gente faz? E como vão ser as aulas? O professor vai botar a gente pra cantar? E como vai ser a matéria sem um livro?"* (caderno de campo, 2015, p. 5). Esta preocupação, por parte dos alunos, apresenta uma realidade onde se pratica um ensino tecnicista, onde ferramentas de trabalho tradicionais (livro, quadro negro, etc) são imprescindíveis para a prática escolar, situação que apresenta poucas preocupações com o desenvolvimento social e cultural dos alunos assim como nos dizeres Granja:

Hoje cresce a consciência de que a escola deve ultrapassar seu papel de formadora de indivíduos para o mercado de trabalho, atuando de maneira a incentivar o desenvolvimento de projetos sociais em consonância com as vocações e as características socioculturais dos estudantes. (GRANJA, 2005, P. 102).

Para Manacés, existe uma preocupação acerca da estrutura física que a escola oferece: *"como que a escola vai ofertar as aulas de música se não tem instrumentos para todo mundo? Eu acho que pra se aprender música tem que aprender a tocar um instrumento, primeiro"*. (caderno de campo, 2015, p. 4)

Estes três dizeres foram escolhidos por terem maior relevância para a pesquisa. As demais entrevistas apresentam respostas parecidas ou idênticas, além de respostas que estão fora do contexto estudado.

A música como forma de conhecimento apresenta variadas abordagens que podem ser praticadas dentro da escola. O que provoca a curiosidade dos alunos é o fato de a música ser oferecida como disciplina e ter o mesmo espaço que outras disciplinas como Português e Matemática.

A música e a escola na concepção e expectativas dos alunos

A escola é um ambiente de conhecimentos construídos a partir das relações sociais e culturais estabelecidas. O ensino e a aprendizagem da Música, desta forma, estão ligados à maneira de como os alunos se comportam dentro de um contexto que promove relações por meio de práticas pedagógicas, buscando construir pontes que possam ligar o conhecimento e o saber de forma harmoniosa. Com base na proposta metodológica de coleta de dados do presente trabalho, foi possível notar o quanto se pode explorar das capacidades educativas da música no contexto escolar aqui apresentado. Os alunos opinam e se manifestam acerca do que a música lhes poderia oferecer em um espaço de convívio diário além das possibilidades apresentadas a eles como forma de conhecimento. Vejamos algumas das considerações dos alunos: **Aluno 1** (Grupo I) – *“a música como matéria seria muito interessante, a gente ia poder aprender sobre os sons e como eles podem nos dizer alguma coisa”*. (caderno de campo, 2015, p. 11). **Aluno 4** (grupo II) – *“é muito bom estudar sobre as coisas da música. Sobre a arte dos sons e como organizá-lo”*s. (caderno de campo, 2015, p. 11). **Aluno 11** (grupo II) – *“será muito bom ter música na nossa escola, estudar coisas que a gente gosta. Estou cansado de ver matéria, ficar sentado o dia todo cansa. Quando a gente estuda uma coisa boa a gente nem ver o tempo passar”*. (caderno de campo, 2015, p. 14)

Estas falas revelam a expectativa que se tem a respeito do que a música pode oferecer como disciplina/conteúdo. Também é possível notar que alguns alunos já vislumbram o que se pode aprender e quais seriam as funções da música como forma de conhecimento. Para estes alunos aprender música é aprender acerca dos sons e seus sentidos, o significado das letras de determinadas canções, como a música está inserida em determinados contextos e como ela representa as culturas do mundo:

Veja-se que existe um universo de possibilidades quanto ao ensino aprendizagem da música. Essas representações culturais que a música apresenta vão ao encontro das experiências cotidianas dos alunos no se dia-a-dia, pois a música deve “formar o “cidadão musical”, assim como forma o “cidadão matemático”, o “cidadão ecológico”, o “cidadão literário”, o “cidadão dançante”. (GRANJA, 2005, p.107).

Verificou-se que alguns alunos reclamam da postura da escola, do “padrão” tradicionalista que se apresenta no contexto em que estão. Essa realidade dificulta o processo de aprendizagem por oferecer uma grade de conteúdos prontos e acabados, quase sempre distantes e destoantes da realidade que eles vivem, pois como ressalta Del Ben:

O aluno submerso na escola como numa malha de conteúdos e metodologias desconexos, submerso num espaço onde nada escolheu, nada discutiu e onde nunca ninguém o ouviu, se vê repleto de aulas, de concepções de educação contraditórias, onde uns digladiam-se com os outros em busca também de espaços próprios”. (DEL BEN, 1991, p.19-20).

Os alunos, também, se referem às matérias questionando suas utilidades ou a importância do seu aprendizado e se estas terão alguma utilidade em suas vidas: **Aluno 8** (Grupo I) – *“muitas das coisas que a gente estuda a gente não vê na rua. A professora de geografia fala das coisas de outros países mas não fala das cidades que a gente conhece”*. **Aluno 5** (grupo I) – *“eu acho a música boa porque a gente pode cantar as músicas que gosta”*.

De fato, são muitos os questionamentos positivos acerca dos conhecimentos que podem ser adquiridos com o ensino da música no cotidiano escolar dos alunos do contexto em questão. Pelas rodas de conversa fica claro que a expectativa e o entusiasmo criam uma ponte propícia para o surgimento de situações e vivências musicais concretas, como coloca Loureiro:

Diante da atual diversidade de manifestações musicais, justificadas pelo processo acelerado de globalização, uma nova postura inspira e busca uma nova identidade para a educação musical. Suscita uma nova concepção de aprendizagem que suponha uma ação construtivista de conhecimento, deslocando o eixo centralizador dos conteúdos, para uma organização não-linear dos conteúdos, em que o aluno interage com o meio ambiente por meio das relações estabelecidas com o professor e com a classe. (LOUREIRO, 2003, P. 165).

De acordo com os dados apresentados no decorrer do trabalho fica evidenciado um favorável nível de interesse pela aprendizagem quando esta apresenta a possibilidade de experiências e conhecimentos absorvidos pela vida fora da escola. Esses alunos estão habituados a uma escuta diária e plural. A partir dessas situações o professor busca filtrar as variadas formas de absorção da música praticadas fora das salas de aula a fim de desenvolver

um processo que possa considerar os saberes sistematizados, em consonância com os conhecimentos prévios em música por parte dos alunos.

CONCLUSÃO

Concluimos que, dadas as problemáticas da inserção da música na disciplina Arte, apresentadas neste trabalho, a música só poderá agir na escola como ferramenta de aprendizado quando for atribuída devidas atenções, não só na estrutura curricular e as capacidades físicas dos espaços escolares, mas também na experiência advinda das vivências dos alunos, suas expectativas acerca do conhecimento musical e o que eles esperam absorver como seres pensantes e participantes do processo de ensino-aprendizagem. No decorrer do nosso trabalho, buscamos responder como a participação dos alunos na dinâmica do aprendizado pode ser representativa, pois acreditamos que a sua participação e suas opiniões constituem ferramenta fundamental na busca de conhecimentos válidos para a vida escolar, social e cultural. De fato, considerar seus discursos é uma importante e primordial saída para novas abordagens metodológicas que viabilizem a participação dos alunos e os permitam construir seus conhecimentos por meio de situações contextualizadas. De fato, para que a música possa alcançar seus objetivos nos espaços escolares, é preciso considerar o que os alunos pensam a respeito dela, quais são ou foram suas experiências externas, quais são suas expectativas gerais e o que buscam aprender com a música. Com base nessas observações podem-se estruturar planos e estratégias de ensino que dialoguem com a realidade dos alunos levando-os a promover sua inteligência e criatividade por meio da Arte.

Referências

FLICK. Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALLEGO. Ravier Callejo. *Observación, entrevista y grupo de discusión: el silencio de tres practicas de investigación*. Rev. Esp. Salud Pública. Set-out. 2002.

GRANJA. Carlos Eduardo de Souza Campos. *Musicalizando a escola: Música, conhecimento e educação*. São Paulo, Escrituras. 2006.

HENTSCHKE, Liane. ***A formação profissional do educador musical: poucos espaços para múltiplas demandas. Anais do X Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical.*** Uberlândia: ABEM, p. 67 – 74, 2001.

KOELLREUTER, H. J. ***Educação Musical no terceiro mundo: função, problemas e possibilidades.*** In: Cadernos de Estudo – Educação Musical, número 1. São Paulo: Atravez, 1990. p.1-8.

LOUREIRO. Alicia Maria de Almeida. ***O ensino da música na escola fundamental.*** Campinas-SP, PAPIRUS, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. ***Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.*** São Paulo:

SNYDERS. Georges. ***A escola pode ensinar as alegrias da música?/*** Tradução de Maria Jose do Amaral. 5º Ed. São Paulo: Cortez. 2008.

SWANWICK, K. ***Ensinando música musicalmente.*** Trad. Alda de Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo Moderna, 2003.

WELLER. Wivian. ***Grupos de discussão em pesquisas com adolescentes e jovens. Aportes teóricos –metodológicos e análise de experiência com o método.*** Educação e Pesquisa, são Paulo. Maio/ago. 2006.